

John W. O'Malley, sj

OS JESUÍTAS

Uma História desde Inácio ao Presente



EDITORIAL A.O.

Título original

John O'Malley: Les Jésuites – *Une histoire d'Ignace à aujourd'hui*

© Éditions Jésuites, Paris – Bruxelles

All rights reserved

Traduzido de:

The Jesuits

A History from Ignatius to the Present

Published by Rowman & Littlefield

4501 Forbes Boulevard, Suite 200, Lanham, Maryland 20706

Tradução

Madalena Sofia Duarte Reis de Pinho

Na capa

Santo Inácio de Loiola (pormenor)

Óleo de Montserrat Gudiol (1991)

Original na Capela de Manresa (Barcelona)

Fachada da Igreja do Gesù (pormenor)

(Roma)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Publito, Estúdio de Artes Gráficas

Depósito Legal

516949/23

ISBN

978-972-39-0964-7

Junho de 2023

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

DATAS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS

- 1491 Nascimento de Inácio de Loiola.
 - 1521 Batalha de Pamplona, na qual Inácio foi ferido, iniciando a sua conversão.
 - 1534 Inácio e seis colegas estudantes da Universidade de Paris fazem um voto de ir a Jerusalém.
 - 1540 A Companhia de Jesus é oficialmente aprovada pelo Papa Paulo III.
 - 1542 Francisco Xavier chega à Índia.
 - 1547 Jesuítas portugueses chegam ao Brasil.
 - 1548 Os Jesuítas abrem uma escola em Messina, na Itália.
 - 1556 Inácio morre em Roma.
 - 1558 A Primeira Congregação Geral aprova as *Constituições* e elege Diego Laínez para suceder a Inácio.
 - 1583 Matteo Ricci e Michele Ruggieri entram na China.
 - 1614 Os Jesuítas e outros missionários são expulsos do Japão.
- Publicação da *Monita Secreta*.

Os Jesuítas

- 1622 Canonização de Inácio e Xavier.
- 1656 Pascal publica a primeira das suas *Cartas Provinciais*.
- 1704 O Papa Clemente XI condena os «ritos chineses».
- 1754 Eclosão da Guerra Guaranítica.
- 1759 Os Jesuítas são expulsos de Portugal e das colónias portuguesas.
- 1764 O rei Luís XV emite um decreto suprimindo os Jesuítas em França.
- 1767 Os Jesuítas são expulsos de Espanha e das suas colónias e as suas propriedades são confiscadas.
- 1773 O Papa Clemente XIV suprime a Companhia de Jesus no mundo pelo breve *Dominicus ac Redemptor*.
- 1801 O Papa Pio VII valida a existência da Companhia de Jesus na Rússia, *Catholicae fidei*.
- 1814 Restauração mundial da Companhia pelo Papa Pio VII, *Sollicitudo omnium ecclesiarum*.
- 1965 Pedro Arrupe é eleito superior-geral, 31.^a Congregação Geral dos Jesuítas.
- 2013 Eleição de Jorge Mario Bergoglio como Papa Francisco, o primeiro Papa jesuíta.

PREFÁCIO

Dentro de algumas décadas, a Companhia de Jesus celebrará os quinhentos anos da sua fundação, em 1540. Durante o curso de quase cinco séculos tem tido uma história rica, complexa e, por vezes, tumultuosa. Muito admirada e muito injuriada, tem escapado a uma categorização fácil desde as suas origens. Ao nível mais básico, a Companhia é apenas uma Ordem religiosa da Igreja Católica, cujos membros professam os votos de pobreza, castidade e obediência. Tal como os membros de outras Ordens, os Jesuítas dedicam-se aos ministérios tradicionais da evangelização e da administração dos sacramentos. Como os membros de muitas Ordens, os Jesuítas viajam como missionários para terras distantes. «O mundo é a nossa casa», como referiu Jerónimo Nadal, um dos primeiros jesuítas, extremamente influente¹.

Cerca de uma década após a sua fundação, porém, os Jesuítas começaram a abrir escolas para estudantes leigos,

¹ Esta e todas as citações subsequentes são da série *Monumenta Historica Societatis Iesu. Monumenta Nadal*, 5:364-65.

algo que ainda nenhuma Ordem fizera de forma sistemática. Nessa altura, começaram a assumir um perfil totalmente distinto. Através das escolas foram-se envolvendo em aspetos da cultura secular, de formas e num grau sem precedentes para uma Ordem religiosa. Os Jesuítas tornaram-se poetas, astrónomos, arquitetos, antropólogos, promotores das artes dramáticas e muito mais.

Eram tidos em elevada consideração. Também eram temidos e odiados, mesmo por muitos católicos. As histórias escritas sobre eles refletem, desde há séculos, esta bifurcação: os Jesuítas eram santos; os Jesuítas eram diabólicos. É claro que havia sempre considerações mais criteriosas, mas foi apenas há cerca de vinte anos que uma mudança quase sísmica se verificou, quando os historiadores começaram a abordar os Jesuítas de forma mais imparcial, colocando a questão simples e neutra: «Como eram eles?».

Esta abordagem tem sido extremamente frutuosa e gerou uma profusão sem precedentes de estudos sobre cada aspeto das iniciativas dos Jesuítas. A qualidade desta nova investigação é consistente e elevada. Nunca antes soubemos tanto sobre os Jesuítas, e sob um olhar novo e útil.

As páginas que se seguem baseiam-se nessa abordagem. Nelas limito-me a dois objetivos: (1) fornecer, de forma quase estrutural, a narrativa básica da origem, desenvolvimento, triunfos e tribulações da Companhia de Jesus até ao presente; (2) fornecer, através de uma escolha praticamente arbitrária, descrições detalhadas de alguns feitos – para não

Prefácio

elevar demasiado a narrativa, ao ponto de perder o contacto com a realidade concreta que é a história. Este pequeno livro terá sido um sucesso se despertar o apetite dos leitores para outras leituras sobre a história fascinante dos Jesuítas.

PREFÁCIO À EDIÇÃO DE CAPA MOLE

Passaram apenas três anos desde que este livro surgiu. No âmbito alargado da história dos Jesuítas, três anos não acrescentam muito. Porém, estes últimos anos foram importantes. Um acontecimento em particular conferiu aos Jesuítas um perfil público diferente dos muitos que tiveram ao longo dos séculos. Refiro-me, claro, à eleição do Papa Jorge Mario Bergoglio, «o primeiro papa jesuíta».

A eleição do cardeal Bergoglio foi uma surpresa, maior ainda para nós, Jesuítas. Em retrospectiva, vemos que devíamos ter previsto essa possibilidade, dado que no conclave anterior, em 2005, ele era um sério candidato. Mas, como quase toda a gente, tivemos um lapso de memória.

De qualquer forma, com a eleição do Papa Francisco, as pessoas começaram a perguntar-se – nós, Jesuítas, começámos a perguntar-nos – como seria a sua relação com a Companhia de Jesus, especialmente porque, no passado, essa relação tivera a sua quota-parte de momentos tumultuosos. Em breve iríamos ter a resposta.

Alguns dias após a eleição, o Papa Francisco telefonou para a nossa Cúria, a sede dos Jesuítas em Roma, à saída da colunata da Basílica de São Pedro, e pediu para falar com o «Padre Geral». O rececionista, depois de se convencer de que era realmente o Papa ao telefone, encaminhou a chamada para o Padre Adolfo Nicolás. Com isso nasceu uma sólida amizade e os Jesuítas tiveram o primeiro sinal de que tudo estava bem. Sabiam, contudo, que no seu próprio interesse não deviam esperar favores, e os comportamentos do Papa Francisco mostram que não tem a intenção de os conceder. Por outras palavras, a relação tem sido correta.

Contudo, em certas ocasiões, o Papa mostrou o afeto e estima que nutre pela sua Ordem. Pouco depois de ser eleito Papa, foi à Cúria da Companhia de Jesus jantar com a comunidade, no refeitório. Nenhum Papa fizera isso antes e, de facto, algumas semanas antes teria sido inconcebível algo assim acontecer. Pouco depois, concedeu uma entrevista longa e abrangente ao editor da importante revista jesuíta *La Civiltà Cattolica*, que foi depois publicada exclusivamente em publicações jesuítas de todo o mundo. Nas suas viagens pelo mundo, por vezes afasta-se do programa oficial para se escapar até uma comunidade jesuíta que fique no caminho, apenas para cumprimentar os seus Irmãos.

A 24 de outubro de 2017, o Papa Francisco voltou a abrir novos precedentes. A ocasião era a 36.^a Congregação Geral dos Jesuítas, que teve lugar na Cúria dos Jesuítas. As Congregações Gerais são o órgão máximo da Companhia de Jesus,

convocadas apenas para deliberar sobre os assuntos mais importantes da Ordem. Neste caso, o assunto principal era a eleição do sucessor do Padre Nicolás, que havia renunciado ao cargo devido a problemas de saúde.

Desde os primórdios da Companhia, os papas recebem no Vaticano membros das Congregações para falarem com eles e até para indicarem quais os tópicos que acham que a Congregação deve abordar. Desta vez, porém, os membros da Congregação não foram ao Vaticano. O Papa Francisco veio até eles.

Chegou à Cúria bem cedo, para fazer as orações da manhã com a Congregação e depois fez um discurso encorajador. Disse que a Companhia devia promover a paz e a harmonia pelo mundo. Devia dedicar-se a aliviar o sofrimento e a miséria daqueles que são forçados a abandonar a sua casa e o seu país. Ao mesmo tempo, os Jesuítas devem continuar a «ajuda espiritual» através dos seus ministérios tradicionais. Quando terminou de falar, fez outra coisa inédita: abriu espaço para perguntas e debate com os membros da Congregação. Em seguida, reuniu-se com cada membro numa receção informal e ficou na Cúria para jantar.

Por muito interessantes e significativos que estes gestos sejam, mais significativos ainda são os temas da espiritualidade inaciana recorrentes nas homilias e outros discursos do Papa. Quando incentiva os padres, bispos e todos os membros da Igreja a «irem para a periferia», ou seja, para onde estão os negligenciados e os que vivem à margem da sociedade, está

a fazer eco de um ideal jesuíta familiar. Quando urge todos os católicos, mas especialmente os líderes da Igreja, a praticarem o discernimento nas tomadas de decisão, está a basear-se num tema central dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Ao encorajar os bispos, no Sínodo Extraordinário sobre a Família, a exprimirem-se com franqueza e transparência, estava a praticar aquilo que ele próprio aprendera sobre a forma como os Jesuítas agem nas suas Congregações Gerais. (Ele foi membro de duas delas.)

A relação dos Jesuítas com o Papa Francisco é interessante e esclarecedora, mas não afeta diretamente o trabalho levado a cabo regularmente pela Companhia de Jesus. Nesse sentido, outras realidades, no decorrer dos últimos anos, são mais significativas. Entre elas, certamente a mais significativa foi a eleição de Arturo Sosa, pela Congregação, para trigésimo primeiro superior-geral da Companhia, sucedendo ao Padre Nicolás. Sosa, venezuelano de nascimento, é o primeiro superior-geral que não nasceu na Europa e, tal como o Papa, vem do «sul global».

Sosa está bem equipado para o seu novo papel. Sendo doutorado em Ciências Políticas pela *Universidad Central de Venezuela* e tendo sido, durante dez anos, presidente («reitor») da Universidade Católica de Táchira, está perfeitamente ciente dos desenvolvimentos atuais na educação, na política e na cultura. A sua experiência como provincial dos Jesuítas na Venezuela, entre 1996 e 2004, familiarizou-o com os procedimentos da governação jesuíta. Ele conhece o

mundo exterior ao seu país de origem. Em 2004, por exemplo, deu aulas no Centro de Estudos Latino-Americanos, na Universidade de Georgetown, e, a partir de 2008, foi Conselheiro Geral do Padre Nicolás, em Roma. O Padre Sosa fala fluentemente inglês, italiano e, claro, espanhol, o que é essencial para governar a Companhia de Jesus em todo o mundo.

Nesse vasto mundo, a Companhia tem, obviamente, continuado a servir muitos milhares de pessoas nas suas igrejas, escolas e outras instituições. Como sempre, as instituições prosperam em algumas áreas e noutras as coisas correm menos bem. Como ficou claro na Congregação, porém, estão bem de saúde e com um elevado nível de vitalidade. Entre elas, provavelmente aquela que está sob maior pressão é o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS). Os pedidos de ajuda que lhe chegam são muitos, urgentes e, por norma, de partir o coração.

O JRS opera, atualmente, em quarenta e sete países, apoiando as necessidades de saúde e de emergência de mais de setecentas e cinquenta mil pessoas. Trabalha lado a lado, nos campos e nos centros de detenção, com os que perderam tudo e com os que procuram asilo. Numa visão alargada, o Serviço oferece programas educativos para refugiados, de modo a adquirirem qualificações que lhes permitam, a seu tempo, tornarem-se independentes. O JRS está atualmente envolvido numa campanha para, até 2020, duplicar o número de refugiados abrangidos pelos seus programas educativos.

Nos Estados Unidos, os Jesuítas têm estado envolvidos, desde 1971, em novas iniciativas para proporcionar educação de qualidade a jovens de meios desfavorecidos. Nesse ano, um grupo de jesuítas fundou, no Lower East Side de Manhattan, a primeira *Nativity School*, uma escola secundária para filhos de famílias dominicanas e porto-riquenhas. Foi bem-sucedida e a ideia espalhou-se. Em 1996, um jesuíta abriu, em Chicago, a primeira *Cristo Rey School*, destinada a preparar os referidos jovens para a educação pós-secundária. Foi também um sucesso e o resultado é a existência de uma *Cristo Rey School* em praticamente todas as grandes cidades americanas.

E Chicago é, novamente, o berço da mais recente inovação educativa jesuíta, para ajudar os que dela mais necessitam e não têm possibilidades financeiras. É o *Arrupe College* da *Loyola University*, que aceitou a sua primeira turma em 2015. Instigado pelo padre Michael Garanzini, nessa altura presidente da *Loyola University*, o padre Stephen Katsouros tornou-se fundador, reitor e diretor executivo desta instituição, que proporciona um programa universitário de dois anos, totalmente acreditado, que prepara estudantes com dificuldades financeiras para prosseguirem os seus estudos e concluírem com aproveitamento os dois últimos anos de universidade.

Superficialmente reminescente de programas de dois anos em faculdades comunitárias, o *Arrupe* não podia ser mais diferente. Ao contrário daqueles, este proporciona apoio

financeiro total. Mais importante ainda, oferece apoio emocional e educativo que quase garante o sucesso. A média das turmas é de 23 alunos, ensinados quase exclusivamente por professores universitários em *full-time*, a maioria com doutoramentos. Além disso, *Arrupe* fica no *campus* da *Loyola University*. Não é de surpreender, portanto, que a taxa de retenção para o primeiro ano seja de 82 por cento. Os Jesuítas esperam, obviamente, que o *Arrupe College* da *Loyola University* seja um modelo para instituições semelhantes de outras universidades, sejam jesuítas ou não.

Muito mais poderia ser dito sobre a Companhia de Jesus ao longo dos últimos anos, mas talvez estas páginas sejam suficientes para mostrar que é uma instituição viva, ativa e em evolução, constituída por homens que, com os seus defeitos e limitações, procuram realizar a tarefa que Santo Inácio lhes atribuiu há quase cinco séculos: dedicar as suas vidas a «ajudar as almas e à maior glória de Deus».

ÍNDICE

<i>Datas importantes na história da Companhia de Jesus</i>	5
<i>Prefácio</i>	7
<i>Prefácio à edição de capa mole</i>	11
1. Fundação	19
A Companhia de Jesus ganha forma	22
Os seus ministérios	39
Os primeiros anos	42
2. Os primeiros cem anos	53
A Companhia na Europa	61
A Companhia no Ultramar	73
3. Consolidação, controvérsia, calamidade	87
Controvérsia	99
Calamidade	112
4. A era moderna e pós-moderna	121
O caminho para a restauração	122
A restauração da Companhia de Jesus	127
O início do século XX	137
A era Arrupe	142
Avançando em direção ao presente	153
<i>Epílogo – Olhar retrospectivo e olhar prospetivo</i>	159
O prólogo	161
A primeira fundação	161
A segunda fundação	162
A terceira fundação	162
A quarta fundação	163
<i>Outras leituras</i>	165
<i>Índice remissivo</i>	175